

Juntando os principais elementos colocados pelos chefes de equipe reunidos em Brasília penso que, nas perspectivas para a arqueologia para os próximos anos, podem ser destacados os seguintes elementos:

1. A formação pós-graduada está recebendo reforços, de modo que, ao lado do curso de mestrado e doutorado em Arqueologia da USP, estão se desenvolvendo outros programas com perspectivas de futuro.

O mais consolidado desses é o da Concentração em Arqueologia do Mestrado de História da UFPE, com cinco vagas e notável rapidez na formação de mestres. Com os convênios já firmados esse curso pode absorver a demanda do Nordeste e parte da demanda do Norte e do Sudeste.

No Mestrado de História Antiga da UFRJ um número bem representativo de formados em Arqueologia está realizando a sua pós-graduação; esse curso está absorvendo parte da demanda do Rio de Janeiro, onde se concentra a maior parte dos formados no curso de graduação da UNESA. A UFRJ está pensando em possibilitar a defesa de tese de doutorado em Arqueologia, abrindo mais uma perspectiva ao lado do curso de Doutorado da USP.

No Sul do Brasil não havia até agora uma boa oportunidade de formação pós-graduada, buscando alguns candidatos o curso de Mestrado em Antropologia Social da UFRGS e outros o curso de Mestrado e Doutorado em História da PUCRS, alguns também o curso de Mestrado em História Ibero-Americana da UNISINOS; em cada uma dessas instituições foram apresentadas dissertações em Arqueologia e ainda existem alunos matriculados. Na PUCRS também existem inscritos para a defesa de tese de Doutorado em Arqueologia. Com o surgimento (em março de 1991) do curso de Especialização em Arqueologia, ligado à pós-graduação em História da PUCRS, o Estado do Rio Grande do Sul e o Estado de Santa Catarina podem descarregar o principal de sua demanda; este curso deverá ser transformado em Mestrado tão logo esteja com a primeira turma funcionando, pois conta com quatro doutores e, em 1991, terá um quinto; essas condições estão sendo criadas com a cooperação de todas as instituições de pesquisa arqueológica desse estado, que não só oferecem os seus pesquisadores, mas também os seus laboratórios.

O Estado do Paraná que, de acordo com planejamento anterior, abria um curso de Aperfeiçoamento em Arqueologia de Salvamento, deverá, em vez disso, devido à situação econômica do País, abrir um curso de Aperfeiçoamento em Antropologia para antropólogos e arqueólogos.

Finalmente a UNESA - Universidade Estácio de Sá, está transfor-

mando em Mestrado o seu curso de Especialização em Arqueologia.

Com isso as oportunidades de treinamento pós-graduado em Arqueologia estão, ao menos, duplicando e se pode esperar que todo ano sejam colocados no mercado, no mínimo dez a doze novos mestres e alguns doutores. Isto deve representar, nos próximos dez anos, uns 60 a 80 novos mestres e 25 a 30 novos doutores.

Aumento numérico não quer dizer, necessariamente, um salto qualitativo no trabalho a ser realizado. Mas representa, com certeza, a aglutinação de todas as forças disponíveis para treinar os novos elementos e, como consequência, a maior concentração de objetivos, métodos e trabalhos. Na impossibilidade prática de reunir todos os arqueólogos de maior treinamento e visão num só curso, como várias vezes foi proposto, esta parece ser a forma de preparar um novo patamar, com o aumento considerável de profissionais com pós-graduação haverá a pressão necessária e o pessoal disponível para a melhoria da qualidade.

Como os cursos de Doutorado no País são ainda de pouca qualidade, as melhores cabeças deverão ser mandadas para doutoramento no exterior.

2. Desde o ano de 1988 está-se pensando também em homogeneizar atividades. Para isso se fizeram duas reuniões no Rio de Janeiro; o assunto voltou na V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira em Santa Cruz do Sul, resultando num documento intitulado *Diretrizes para a Arqueologia Brasileira* e finalmente na reunião dos chefes de equipes em Brasília, nestes últimos dias. A tendência observada é chegar a maior homogeneização e melhor qualidade dos trabalhos desenvolvidos; nas duas últimas décadas houve um enorme incremento nos trabalhos arqueológicos, visando cobrir o território nacional e criar informações úteis para um primeiro arcabouço da pré-história brasileira. A pressão da comunidade, neste momento, é no sentido de priorizar a qualidade dos trabalhos, buscando conhecimento de preferência a informação.

3. Os institutos, que resistiram às crises da última década, estão bem mais consolidados, incorporaram novos profissionais com treinamento pós-graduado, ou estão qualificando o seu pessoal, de modo que têm condições de pensar em trabalho de muito melhor qualidade.

Em quanto tempo se pode esperar um salto de qualidade na Arqueologia Brasileira? Na perspectiva do crescimento atual isso deve acontecer nos próximos dez anos. Para que isto aconteça há necessidade de a comunidade científica e os próprios órgãos de fomento estarem atentos, realizando avaliações regulares.

Pedro Ignácio Schmitz - Presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira.